

Boa Sorte

Um lugar ao sol de Paracatu



Boa Sorte

Um lugar ao sol de Paracatu

Prefácio

A transformação que usinas de geração fotovoltaica trazem, ultrapassa a esfera da energia. Esse é o caso do **Complexo Solar Boa Sorte**. Instalado em Paracatu, Minas Gerais, o projeto teve a oportunidade de ativar junto à comunidade local programas sociais como o Somos Parte da Mesma Energia, que promove a inclusão de mulheres no mercado de trabalho da indústria energética renovável e oferece oportunidades de capacitação de ponta com fomento a empregabilidade. Outro exemplo que dá protagonismo as comunidades locais em Paracatu é o Projeto Ecoar, voltado para a formação em cinema documental de grupos que historicamente não tiveram voz e acesso a espaços artísticos.

Ao investir diretamente em pessoas, ouvindo suas necessidades e buscando soluções que realmente façam a diferença, é possível promover transformações profundas e duradouras. É com esse intuito que a *Atlas Renewable Energy* caminha de mãos dadas com cada comunidade, moldando os projetos sociais de acordo

com as expectativas e desafios da população. A interação constante entre esses dois universos fortalece a confiança e a colaboração, criando um ambiente propício para o desenvolvimento sustentável de longo prazo.

A capa do livro foi criada por Ana Gabriela Ribeiro, conhecida como ANART, uma artista local de Paracatu. Ela retratou a interação da Atlas com marcos históricos da cidade, como o Chafariz da Traiana e a Matriz de Santo Antônio.

Esse livro é um registro para a memória de todos que participaram da realização de Boa Sorte e materializa em dados e imagens a capacidade de transformação que um projeto desse porte é capaz quando há uma visão que une tecnologia, sustentabilidade e responsabilidade socioambiental. É assim que a *Atlas Renewable Energy* se compromete com o futuro para uma transição energética sustentável.

Sumário

Introdução - Um Lugar ao Sol	05
1. Nascedouro: como a área foi selecionada	14
2. Pedras no meio do caminho: desafios no desenvolvimento	22
3. União solar: desafios e aprendizados com a Hydro Rein	36
4. Financiando o Futuro: <i>Atlas</i> e BNDES, juntos, em Boa Sorte	44
5. Antes de nascer o Sol: mitigando riscos	48
6. Energizando os times: desafios da construção	58
7. Convergência de felicidades: padrões internacionais de ESG	66
8. O jeito <i>Atlas</i> de transformar realidades	74
9. A jornada energética de Boa Sorte	88



Igreja Matriz de Santo Antônio vista de cima

Um lugar ao sol de Paracatu

“Os tempos mudavam,
no devagar depressa dos tempos.”

Guimarães Rosa

Reconhecida como cidade no século 18 por seu potencial na mineração de ouro, Paracatu, situada na região Noroeste de Minas Gerais, ficou assim conhecida por fazer referência ao rio Paracatu, que em tupi significa algo como “rio bom, rio limpo”.

Paracatu — o rio — é o maior afluente do rio São Francisco, com cerca de 300 km de extensão navegável, e segue seu curso e sua sina de rio bom. Paracatu — o município — está entre as quatro cidades mineiras com maior capacidade de geração de energia solar, contribuindo, assim, para a boa revolução energética que tem ocorrido no estado e no Brasil. Paracatu — a cidade e o rio — segue se transformando de acordo com a necessidade e a velocidade que o mundo exige de todos nós, mas continua sendo um bom lugar para se viver, para se navegar, com uma história construída a muitas mãos e, principalmente, com muitos dias de Sol.

Tradição e mudança não são noções excludentes, e estão a um só tempo inscritas no município de Paracatu. O Centro Histórico da cidade, por exemplo, com importantes igrejas coloniais, foi tombado em 2012 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e reconhecido como patrimônio material de Minas Gerais. Já as mudanças no município têm chegado de cima, pelo alto índice de irradiação solar que apresenta ao longo de um ano. E é por causa do Sol que um novo lugar surge em Paracatu: o **Complexo Solar Boa Sorte**, que entrega soluções para o presente e para o futuro, isto é, gerar energia elétrica a partir de uma fonte renovável, limpa e inesgotável.

A Boa Sorte da Atlas Renewable Energy

Aprimorar o setor energético nacional para torná-lo ainda mais sustentável e eficiente é crucial para os novos tempos. Isso implica não apenas em vantagens econômicas e ambientais significativas, como também promove benefícios sociais relevantes.

São números expressivos: o **Complexo Solar Boa Sorte** é composto de 8 usinas solares, ocupa uma área que corresponde a mais de 1100 estádios do Maracanã e está entre as 10 maiores usinas solares do país. Além disso, opera com uma capacidade instalada de 438 MWp e tem o potencial de gerar 962 GWh por ano, o que equivale a abastecer mais de meio milhão de residências.

Podemos estimar e comprovar a grandeza numérica do empreendimento, mas há ainda o valor intangível

proporcionado pelo projeto idealizado e concebido pela *Atlas Renewable Energy*. São pessoas impactadas direta e indiretamente por meio de iniciativas sociais e ambientais, que têm o compromisso de deixar um legado para a história e, sobretudo, para o futuro do município mineiro e do país.

Capacitação, treinamento e contratação de mão de obra; formação de jovens moradores; abordagem de temáticas como preconceito, machismo e autonomia feminina; trabalho de conscientização para práticas sustentáveis; programas de resgate e conservação da fauna e flora locais... são aspectos diversos que serão abordados nas páginas seguintes e que têm sido desenvolvidos ainda mais graças à implantação do **Complexo Solar Boa Sorte**, um novo lugar ao Sol de Paracatu.



Painéis fotovoltaicos do Complexo Solar Boa Sorte



Vista aérea do Complexo Solar Boa Sorte



Vista aérea do Complexo Solar Boa Sorte



Vista aérea do Complexo Solar Boa Sorte

Descrição do projeto

352.80 MWac

Potência Total Alternada (CA)

438.19 MWp

Potência Total em Corrente Contínua (CC)

25.10 Km

Comprimento da linha de transmissão



1. Nascedouro: como a área foi selecionada



Vista aérea Fazenda Boa Sorte

O setor fotovoltaico é relativamente recente no território brasileiro, e é possível associar a Resolução Normativa 482, de 2012, ao início propriamente do mercado de energia solar no país. Essa resolução, considerada o primeiro instrumento de regulação do setor previsto pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), pavimentou o caminho da produção de energia elétrica a partir de fontes de energia renovável.

A *Atlas Renewable Energy*, líder global em energia renovável, já faz parte da história da energia solar no Brasil. Quando iniciou suas operações, em 2017, a *Atlas* contava com um time capacitado e experiente em projetos globais de energia renovável e limpa. Desde então, acumula, até o momento, 19 projetos de soluções energéticas inovadoras concluídos ou em fase de desenvolvimento; está presente em 7 países do mundo; e tem uma irretocável taxa de conclusão de projetos de 100%.

Minas Gerais é um estado particularmente estratégico, quando falamos do mercado fotovoltaico brasileiro. Segundo levantamento de fevereiro de 2024 feito pela Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar), o estado lidera o ranking na produção de energia solar do país e produz cerca de 13% da energia fotovoltaica utilizada em território nacional. Alguns fatores ajudam a explicar o destaque mineiro no crescimento do setor: irradiação anual elevada e condições climáticas favoráveis; políticas públicas que têm o intuito de gerar incentivos fiscais e desburocratizar processos; e o fato de todos os municípios mineiros terem ao menos um módulo fotovoltaico de energia.

Diante desse contexto, é compreensível que a área selecionada para a instalação do **Complexo Solar Boa Sorte** tenha sido uma cidade do estado de Minas — Paracatu. Encontrar um espaço adequado para receber projetos da magnitude do empreendimento idealizado pela *Atlas* requer pesquisa, cruzamento de dados e a conjunção de aspectos espaciais, ambientais, sociais, econômicos, ambientais, tecnológicos e operacionais.



Vista aérea Fazenda Boa Sorte



Praça Ademar da Silva Neiva

O início da Boa Sorte

Paracatu é o quarto município mineiro em termos de capacidade de geração de energia solar, ficando atrás apenas de Janaúba, Pirapora e Jaíba. Não por acaso, e após uma série de estudos, identificamos um local que, a princípio, cumpria os requisitos básicos para a implantação de um parque solar idealizado in house, isto é, dentro da *Atlas*. Era a Fazenda **Boa Sorte**, que, se não foi identificada por mero acaso mas sim por muita pesquisa envolvendo diversos profissionais, indicava, pelo seu nome, algo de positivo e, por que não?, uma espécie de Sorte que pairava no ar.

Em linhas gerais e de modo simplificado, o funcionamento de um complexo solar fotovoltaico viável em termos ambientais, sociais e econômicos no município de Paracatu depende também de certa proximidade da Subestação Paracatu 4. Trata-se de uma concessão pública que faz ligação direta com o Sistema Integrado Nacional (SIN),

responsável pela produção e distribuição de energia elétrica do Brasil. A Fazenda Boa Sorte fica a uma distância de cerca de 70 km da Subestação Paracatu, o que tornaria a operação mais difícil do ponto de vista logístico, tecnológico e econômico. Por isso, e com base em mais pesquisas e estudos de nossa equipe, fomos em busca de um lugar mais próximo.

Encontramos um local na região mais próximo da Subestação Paracatu 4: a Fazenda Olhos d'Água, que, de maneira informal e carinhosa, apelidamos internamente de “barriga de aluguel” do complexo solar que seria implantado. A Sorte já havia sido lançada, e para manter o espírito otimista e, de algum modo, preservar o simbolismo de uma procura bem-sucedida, nomeamos o empreendimento ainda por nascer de **Boa Sorte**.



Fazenda Olhos D'Água

**O primeiro
empréstimo indexado
ao dólar americano
pelo BNDES.**



2. Pedras no meio do caminho: desafios no desenvolvimento

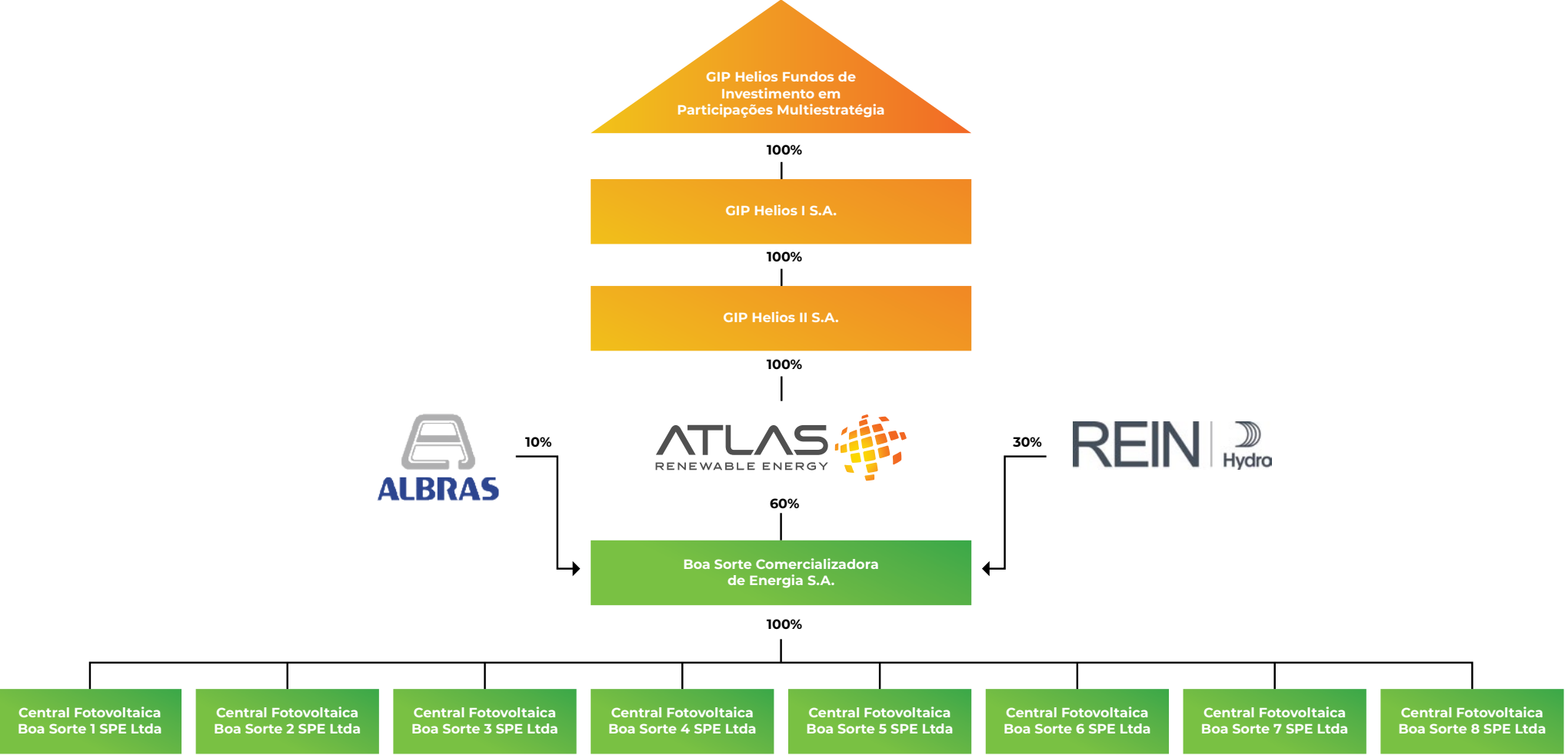


Grupo de colaboradores

Enquanto questões relacionadas à localização do **Complexo Solar Boa Sorte** estavam sendo discutidas e finalizadas, em outra frente existia um desafio novo: a *Atlas* estava prestes a firmar uma sociedade neste projeto. Enxergamos na Hydro Rein, uma das maiores fornecedoras de energia renovável para indústrias, a parceira ideal para a construção e operação das novas usinas.

A Hydro Rein tem uma história centenária e é referência no setor, com presença forte e contundente em mais de 40 países e muita experiência na entrega de diversas soluções de energia renovável. Fazer uma aliança com um parceiro desse porte transfere ao projeto ainda mais responsabilidade, seriedade e foco em resultados. Desde o início, esses foram os valores que guiaram nossa parceria. Uma vez que as expectativas e os objetivos estavam alinhados de ambos os lados, novos ritos entre os sócios foram estabelecidos, com idas e vindas de questões inerentes ao negócio e ao entendimento de todos, sempre com muito respeito e discussão. Uma sociedade em que nada era imposto, mas conversado e acordado.

Dentro desse arranjo, prevaleceu a vontade de todos de executar o projeto de maneira colaborativa, e cada parte levou à mesa sua perspectiva do negócio, suas experiências e a vontade de ver o **Complexo Solar Boa Sorte** energizado e funcionando, com excelência, com o máximo de sua capacidade. Como os sócios compartilham dos mesmos compromissos e valores que os nossos, quando uma questão ambiental se mostrou urgente, ela foi tratada com a devida seriedade.





Grupo de colaboradores

Fatores ambientais

Estudos ambientais criteriosos e processos bem definidos para requerer diversos tipos de licenciamento ambiental são parte estruturante de qualquer projeto que nos propomos a desenvolver na *Atlas Renewable Energy*. Faz parte dos nossos valores inegociáveis enquanto empresa seguir critérios globais de sustentabilidade e de responsabilidade ambiental, a exemplo dos padrões ESG, que, de maneira simplificada, podem ser compreendidos como um conjunto de princípios ambientais, sociais e de governança corporativa.

Com o **Complexo Solar Boa Sorte** não foi diferente. Além dos padrões ESG, consideramos ainda os Princípios do Equador (2013) e os Padrões de Desempenho sobre Sustentabilidade Socioambiental da International Finance Corporation (IFC). Tais critérios serão abordados e desenvolvidos adiante, mas de modo geral, trata-se de

uma série de diretrizes ambientais e financeiras, referentes sobretudo à concessão de crédito, que visam garantir que os empreendimentos realizados sejam responsáveis do ponto de vista socioambiental.

Ao iniciarmos a análise cuidadosa do território da Fazenda Olhos D'água, onde estão instaladas as 8 usinas fotovoltaicas e uma subestação que compõem o **Complexo Solar Boa Sorte**, identificamos no local a presença de Mata Atlântica e de três árvores de canela-preta (*Ocotea catharinensis*). O bioma Mata Atlântica é um dos mais ricos em biodiversidade do mundo e, no entanto, conta atualmente com menos de 30% de sua cobertura original em território brasileiro. Já a canela-preta está em risco de extinção no país e é reconhecida como uma espécie estratégica e importante para auxiliar na restauração de ecossistemas degradados.



Mata Atlântica dentro do empreendimento



Espécie de árvore em extinção preservada - *Octea Catharinensis*

Diante desse cenário, teríamos dois caminhos possíveis a serem seguidos: suprimir a vegetação encontrada seguindo a legislação ambiental brasileira, que prevê em casos como esse algumas ações de compensação financeira e ambiental; ou manter a vegetação na área de construção das placas solares sem risco para o empreendimento e sem resultar na degradação da flora local. Provavelmente, seria mais prático recorrer à primeira opção sem prejuízo do nosso compromisso de sempre cumprir com excelência e zelo a legislação ambiental vigente do país.

No entanto, tomamos como uma das primeiras missões do projeto que resultaria no **Complexo Solar Boa Sorte** a superação do desafio inicial de conservar a vegetação encontrada na área. Por isso, e por entender os possíveis impactos ambientais negativos de suprimir a flora local, fizemos todo o esforço necessário para manter a área de Mata Atlântica e os exemplares de árvore da canela-preta na Fazenda Olhos D'água.

O processo, dito de tal maneira, pode parecer fruto de uma decisão rápida envolvendo a vontade de nossos colaboradores, mas envolveu análises incansáveis de diferentes áreas, estudos ambientais, testes e um plano de ação liderado pela equipe de Engenharia Ambiental da *Atlas* para dar conta do desafio e garantir nosso compromisso de manter a flora e estabelecer a preservação permanente dessas espécies vegetais.

Foi com esse tipo de compromisso que a jornada em Paracatu foi iniciada. Era sabido desde o começo que o **Complexo Solar Boa Sorte** não seria apenas um conjunto de usinas geradoras de energia solar, mas representaria também uma profunda transformação na vida da cidade e de seus moradores. Como o espaço que a *Atlas* passaria a ocupar já carregava muita história e tradição, tudo precisava ser feito com ainda mais respeito pelo passado e apreço pelo futuro. Por isso, foi crucial a presença de sócios que compartilhassem dos mesmos valores e que estivessem dispostos a enfrentar os muitos desafios de um projeto dessa magnitude.



Vista aérea do Complexo Solar Boa Sorte



Colaborador observando fauna e flora nativa

**Evita a emissão de mais
de 71,4 toneladas
de CO₂ / ano**



3. União solar: desafios e aprendizados com a Hydro Rein



Alunas do SPME segurando uma ferramenta

Em projetos deste porte, normalmente os desafios são da mesma ordem de grandeza. Claro que experiência e conhecimento ajudam muito, e sempre haverá questões relacionadas à seleção do local, negociação de licenças, contratação de pessoas, a pandemia ou a construção das usinas. Quando as primeiras tratativas sobre a construção do complexo em Paracatu tiveram início, enxergamos a necessidade de firmar parceria com uma empresa que estivesse alinhada aos mesmos objetivos de longo prazo. Encontramos na Hydro Rein a parceira ideal para o desenvolvimento desse projeto. Este novo empreendimento contaria com a experiência e conhecimento de duas empresas renomadas no setor de energia renovável, ambas muito relevantes para a economia do país, agora juntas em compartilhar objetivos em comum.



Grupo de colaboradores no meio dos painéis fotovoltaicos

O time da Hydro Rein tem bastante experiência no setor, e tem capacidade de geração de mais de 3 GW de energia em nível internacional. Em meados de 2020, a empresa decidiu investir em projetos situados em países nos quais ela já tivesse alguma presença institucional, e o Brasil estava nessa lista. A demanda para esse parceiro era objetiva, mas difícil de ser alcançada: queriam uma empresa robusta, com governança corporativa, disposta a atender parâmetros internacionais de ESG e que fosse profunda conhecedora do mercado brasileiro de energia renovável. Várias empresas foram avaliadas, muitas desistiram no meio do processo, e a *Atlas* topou o desafio. Durante um ano, os times jurídicos e de construção das duas empresas trabalharam junto a escritórios de advocacia para formular um projeto que era inédito para as duas companhias.

E quando a caminhada acontece com transparência, é mais fácil enxergar um horizonte onde todos colherão os frutos. Envolver um sócio nos processos e nas trocas burocráticas e corporativas é sempre desafiador, mas com as duas empresas abertas à discussão, tudo aconteceu com respeito e aprendizado de todos.

O primeiro deles tinha a ver com esse arranjo entre as partes, uma novidade para ambas. Quando algo não tem precedentes, tudo deve ser criado de acordo com essas novas variáveis. Foi preciso então implementar processos, desenvolver uma governança adequada à nova realidade,

estabelecer os papéis dos entes envolvidos e construir pontes entre as partes investidas no projeto. Como sócia majoritária e responsável pela concepção do **Complexo Solar Boa Sorte**, a *Atlas* sempre manteve um relacionamento ativo com a Hydro Rein, abrindo espaço para a discussão e a troca de ideias. A Hydro Rein contribuiu com sua expertise em projetos desse porte, sempre com apontamentos pertinentes e disposta a debater os melhores caminhos. E essa relação fez com que as empresas elevassem os próprios níveis de entrega.

Outra peculiaridade do projeto foi a existência de uma terceira parte: a Albras, a maior produtora de alumínio do país e principal beneficiada da energia gerada no **Complexo Solar Boa Sorte**, que agora, em funcionamento, deve fornecer cerca de 90% de sua energia produzida para a Albras. A planta que fará uso dessa energia é a maior unidade consumidora individual do Brasil; uma responsabilidade proporcional ao nosso projeto. Mais uma vez, os times da *Atlas* e da Hydro Rein assumiram essa responsabilidade e trabalharam juntos para alcançar os resultados. Para se ter uma ideia da dimensão do empreendimento, o complexo de energia em Paracatu irá energizar uma unidade da Albras em Barcarena, no Pará. Com um cliente desse porte, mais do que nunca, era preciso garantir que todos os trâmites e prazos fossem totalmente cumpridos.



Colaboradores instalando painéis fotovoltaicos

**Seleção de 1.400
funcionários diretos
e 215 equipamentos.**





Grupo de colaboradores

As etapas iniciais de desenvolvimento do **Complexo Solar Boa Sorte** já estavam em andamento quando, no início de 2020, o mundo seria transformado para sempre. A pandemia de covid-19 provocou um desalinhamento em tudo o que havia sido traçado até ali. Agora, a preocupação com os trabalhadores e trabalhadoras precisou ser muito mais rígida, pois existia uma ameaça mais direta à saúde deles. Com comércios e indústrias fechando ou paralisando suas operações, a economia mundial sofreu um abalo.

Um cenário em que orçamentos foram refeitos, prazos de entrega revalidados e cuidados com a saúde física e mental das pessoas passaram a ser redobrados. Por Sorte, os times estavam empenhados em atravessar essa situação sem perder o futuro de vista. Quando a parceria é forte e os times são resilientes, situações pesadas se tornam mais leves. Novas metas foram estabelecidas, protocolos mais rígidos de segurança foram implementados e, aos poucos, o vírus foi sendo controlado em escala global. Em projetos desse tamanho, normalmente não podemos contar muito com a Sorte, mas fomos agraciados com ela e com um Sol que seguia, e segue, iluminando nosso caminho. A volta à normalidade apareceu no horizonte, os ritos foram acontecendo conforme o planejado, e mesmo com todo o impacto causado pela pandemia, o complexo solar em Paracatu seguiu em pleno desenvolvimento.

Com a construção em andamento e já vislumbrando a energização das usinas no futuro, a relação entre os sócios evoluiu. Uma vez conectadas ao SIN, as discussões passam a ser outras, envolvendo questões novas, interessantes e desafiadoras. E como já era esperado, tudo seguiu acontecendo com transparência, respeito e muito aprendizado compartilhado.

É bom olhar para trás e perceber que, quando empresas sérias decidem firmar uma parceria de longo prazo, os resultados aparecem naturalmente. Tudo o que a realidade nos impôs durante o desenvolvimento desse projeto foi encarado com empenho, resiliência e foco em objetivos comuns. *Atlas* e Hydro Rein trocaram aprendizados e trabalharam juntas para que Boa Sorte fosse finalizada dentro do prazo estabelecido. E isso resultaria no fato de a Albras poder ter acesso à energia gerada para abastecer suas operações sem atrasos. Todas as partes agora colhem os frutos de algo que teve início em 2019, que enfrentou questões inerentes ao negócio, durante uma pandemia global, mas sem perder de vista a vontade de ver Boa Sorte operando em toda a sua capacidade, garantindo energia limpa, renovável e inesgotável para o Brasil.

4. Financiando o Futuro: Atlas e BNDES, juntos, em Boa Sorte



Colaboradores acompanhando o avanço da obra

Uma vez que os processos entre as empresas sócias e o principal cliente estavam alinhados, paralelamente buscávamos uma forma de financiar a construção das usinas do **Complexo Solar Boa Sorte** — uma responsabilidade e tanta para a equipe de estruturação financeira da *Atlas*. Uma etapa importante, que demandou estudos de viabilidade financeira e muita negociação entre as sócias e os bancos. A *Atlas* já havia feito outros contratos de compra e venda de energia de longo prazo em sua história, também conhecidos como PPAs (Power Purchase Agreement), mas o tamanho do projeto trazia um elemento de novidade para essa estratégia de financiamento.



Painéis fotovoltaicos

Inicialmente, o time da *Atlas* pensou em levar a ideia de financiamento do complexo Boa Sorte para o Banco Internacional de Desenvolvimento (BID). Como o nome indica, a instituição tem o propósito de financiar projetos de desenvolvimento econômico e social na América Latina e no Caribe. Porém, no início de 2022, durante uma conversa com representantes do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) sobre outros projetos da *Atlas*, nossa estratégia tomaria um rumo diferente. Fomos surpreendidos por uma ideia que partiu do próprio banco: e se o BNDES disponibilizasse uma linha de crédito para a construção do **Complexo Solar Boa Sorte**? Mais: e se essa linha de crédito fosse em dólar?

O banco já havia pensado na possibilidade de uma proposta de financiamento dolarizada, mas a ausência de projetos interessados, até então, de captar esse recurso, fez com que ela ficasse “parada” à espera de algum interessado. Como a *Atlas* e a Hydro Rein atuam internacionalmente e as empresas já possuíam experiência em financiamentos de projetos nessa moeda, a proposta foi bem recebida. Assim, com essa perspectiva em mente, o trabalho para fechar a linha de financiamento em dólar por uma instituição brasileira teve início.

O BNDES costuma financiar projetos para setores estratégicos da economia brasileira, e o **Complexo Solar Boa Sorte** se encaixava bem nesse perfil. Porém, isso não

é o suficiente; o banco é bastante rígido na seleção de potenciais empresas e empreendimentos que estejam aptos a receber seus investimentos. Por isso, mobilizamos nossos times para apresentar a eles, de maneira detalhada, o plano de construção e viabilidade financeira da usina. Afinal, estávamos falando de 210 milhões de dólares – mais de 1 bilhão de reais. Durante quatro meses, as equipes da *Atlas* e da Hydro Rein discutiram e traçaram um robusto plano financeiro para ser levado ao BNDES, que aprovou nossa linha de crédito. Com um contrato dolarizado, diminuiu o risco cambial no balanço da *Atlas* e da Hydro Rein.

O sucesso do financiamento junto ao BNDES abre um precedente interessante para os grandes produtores e consumidores de energia renovável no Brasil. O **Complexo Solar Boa Sorte** foi o primeiro projeto financiado em dólar pelo BNDES. Assim, a *Atlas* mostrou que é possível ter empreendimentos dessa magnitude, apoiados por um banco nacional e interessado no desenvolvimento desse e de outros setores da economia brasileira. O processo foi tão exitoso que já existem outros semelhantes em etapas de financiamento e desenvolvimento entre *Atlas*, Hydro Rein e o BNDES. Nossa história agora serve de exemplo para diferentes empresas que buscam linhas de crédito dolarizadas junto a um dos maiores bancos brasileiros.

5. Antes de nascer o Sol: mitigando riscos



Colaboradores de HS&S

Os ineditismos que cercavam alguns aspectos de Boa Sorte, a parceria inédita com a Hydro Rein e o acesso à primeira linha de financiamento em dólar oferecida pelo BNDES, agora davam lugar a um rito ao qual estávamos mais acostumados: o planejamento estratégico da construção. E o mote para esse momento foi a antecipação. Ao mitigar a chance de sermos surpreendidos nos processos naturais que costumam anteceder uma obra da magnitude do complexo solar Boa Sorte, pressionamos menos o orçamento (que, no caso de nosso empreendimento, era bastante desafiador) e garantimos a entrega no prazo. Graças à experiência das equipes envolvidas nessas etapas iniciais, foi possível realizar estudos e análises importantes para que tudo corresse dentro do que havia sido planejado.

Uma das primeiras tarefas é desenhar a contratação da equipe de construção. Para isso, é preciso dimensionar o tamanho do canteiro, como transportar e acomodar as pessoas durante seus turnos, entre outros fatores. A *Atlas* já vinha trabalhando com a Elecnor em outros projetos e, mais uma vez, foi ela a construtora responsável por tocar o empreendimento em Paracatu. Tudo o que era acordado entre as partes era reportado ao board do Brasil, para que todos e todas estivessem cientes do que estava sendo discutido antes de ser implementado. Foi com muita confiança no trabalho entre as equipes que as etapas iniciais foram sendo vencidas sem grandes obstáculos.

Pode parecer trivial, mas não é: a integração entre as pessoas, principalmente no início de um empreendimento dessa magnitude, é fundamental para o decorrer de todo o projeto.

Após muitos estudos e análises sobre as particularidades do solo, quantificação de pessoas no canteiro de obras e prazos de entrega de cada etapa, estávamos prontos para efetivamente iniciar os trabalhos na obra. Uma etapa que acontece com a emissão do NTP (Note to Proceed); ou seja, a construção do novo complexo solar poderia começar. Passamos então a lidar com outras questões.



Colaborador fixando um painel fotovoltaico



Vista aérea do Complexo Solar Boa Sorte



Inversores - 112 unidades - SUNGROW
Módulos - 774.900 unidades - JinKO Solar
Seguidores -9.293 unidades - Nextracker



6. Energizando os times: desafios da construção



Grupo de Colaboradores

A construção do **Complexo Solar Boa Sorte** exigiu de nossas equipes o empenho em dois pontos cruciais — nada muito distante do que os times vinham enfrentando desde o início do projeto. E como já havia muita integração entre as pessoas envolvidas desde o planejamento, as soluções para os problemas surgiam naturalmente, com muito debate e um senso apurado de colaboração.



Grupo de colaboradores no meio dos painéis fotovoltaicos

O primeiro desafio é o de fazer os levantamentos necessários para o projeto estar apto a começar. Muitos estudos e avaliações topográficas são feitas, pela equipe da *Atlas* e por empresas parceiras, para que a viabilidade da construção esteja garantida. E quando essas questões estão resolvidas e recebemos autorização para o início das obras, começa a etapa de mobilização e contratação de pessoas para trabalhar na construção. E aí, entra um ponto muito sensível para nós.

Falar de pessoas é falar de vidas. Qualquer descuido pode comprometer a integridade do projeto, e nós jamais iríamos correr esse tipo de risco. É por isso que mobilizamos nosso time de saúde e segurança do trabalho, presente desde o planejamento até a execução de todas as medidas de proteção e sinalização, garantindo que os milhares de trabalhadores e trabalhadoras pudessem executar suas tarefas. Um time de emergência muito preparado para lidar com qualquer intercorrência estava disponível no canteiro, do início até a finalização completa das obras. Também foram criadas condições adequadas para comportar tamanho volume de pessoas, como estrutura de banheiros químicos, espaços de convivência e refeitório.

E então, foi preciso lidar com a distância entre o centro da cidade de Paracatu até o canteiro de obras das usinas. Estávamos falando de um deslocamento de cerca de uma hora e meia de duração, às vezes com variações a depender de fatores externos; mais de três horas por dia no total, algo incomum na vida daquelas pessoas que trabalham no município. Porém, devido às ações de capacitação e formação promovidas pela *Atlas* na cidade, além do empenho do nosso time interno de recrutamento e seleção, vencemos o desafio logístico de contratar e levar, diariamente, centenas de trabalhadores e trabalhadoras a seus postos de trabalho. No total, passaram pelo canteiro aproximadamente 2.900 pessoas. E claro, não bastava levá-los, precisávamos oferecer instalações apropriadas, alimentação adequada, segurança e tudo o mais que fosse necessário para que todos pudessem estar aptos a realizar suas funções.

Resolvidos os obstáculos logísticos e de estrutura física, o time de construção da *Atlas* e da Elecnor ainda precisaram lidar com uma característica do terreno onde o **Complexo Solar Boa Sorte** seria erguida.

Os painéis solares são apoiados em grandes seguidores; estruturas metálicas robustas, capazes de suportar muito peso. Por conta disso, elas precisam ser instaladas respeitando o tipo de terreno em que serão fixadas. Em Paracatu, tínhamos um terreno mais mole. Por um lado, é um solo mais fácil de escavar e não demanda máquinas especiais para tal; por outro, justamente por oferecer menos resistência, os seguidores precisaram ser acomodados sob grandes bases de concreto para que as estacas pudessem ser cravadas. Essas bases são grandes buracos no solo, que são preenchidos com concreto. Por conta dessa necessidade, era preciso ter à disposição algumas concreteiras dentro da obra, para que o processo pudesse ser concluído com a velocidade e a segurança que ele exigia. Após muito trabalho e licenças aprovadas, a obra pôde seguir seu ritmo normal.

Como os times da *Atlas* e da Hydro haviam feito um planejamento minucioso, todos esses pontos já eram sabidos de antemão. Antecipar obstáculos é uma das principais funções de times de construção, e Boa Sorte contava com as melhores pessoas do setor para lidar com esses assuntos. Ao evitar surpresas nessas cruciais etapas iniciais, é possível manter a previsão inicial de orçamento, as tarefas passam a ser executadas de maneira mais assertiva e os prazos tendem a ser cumpridos com mais tranquilidade.

A Hydro Rein tem mais de 100 anos de história e conta com um time de mais de 30 mil funcionários em todo o mundo. A sede da empresa e parte considerável de seus executivos e colaboradores são noruegueses, portanto pouco acostumados ao calor e ao Sol do trópico. Com uma

parceria tão profunda e em sintonia como a que estávamos construindo por causa do **Complexo Solar Boa Sorte**, foi muito natural que parte da comitiva norueguesa viesse ao Brasil e fosse até Paracatu conhecer a área na qual estaria localizado nosso complexo fotovoltaico. Conseguimos antecipar, em nossa parceria, uma série de fatores técnicos e burocráticos, mas não foi possível antecipar um aspecto da visita de nossos parceiros estrangeiros: a surpresa diante de Paracatu, um local repleto de natureza conservada, com fauna e flora vastos, conservado, muito bem representados e... um Sol belo e escaldante, com altas temperaturas, que inicialmente assustou um pouco os noruegueses com tanto calor. Brincadeiras à parte, é evidente que nem sempre tudo ocorre exatamente como planejado, e ajustes de rota são comuns em grandes projetos, mas quando a equipe é experiente, e foi exatamente esse o caso, a tendência é de que tudo aconteça com mais fluidez e agilidade.

Grandes projetos sempre dependem do comprometimento de todos. Equipes trabalhando unidas, garantindo máxima segurança no campo de obras. E alcançamos o objetivo estabelecido: foram mais de 3 milhões de horas-homem trabalhados, sem qualquer evento que gerasse um risco grave relacionado à segurança e à saúde dos trabalhadores.

Os aprendizados durante o planejamento e construção do **Complexo Solar de Boa Sorte** foram tantos, que estamos criando um livro reunindo exemplos das melhores práticas que funcionaram durante esse projeto. Ele certamente servirá de exemplo para os próximos empreendimentos da *Atlas* e para o nosso aperfeiçoamento contínuo enquanto organização.



Detalhe dos painéis solares



Dasipodídeos (Tatu) resgatado



Mulheres durante curso de capacitação SPME

7. Convergência de felicidades: padrões internacionais de ESG



Grupo de colaboradores

O **Complexo Solar Boa Sorte** não foi o primeiro nem será o último empreendimento da *Atlas* que seguiu rigorosamente uma série de padrões internacionais ESG, cujos pilares são Ambientais, Sociais e de Governança. Mas, na visão de diferentes sujeitos de áreas diversas que fizeram e fazem parte da nossa operação, certamente foi o projeto que mais se destacou tanto na rigidez de estudos de impacto quanto na própria escolha da área, que por si só já continha uma espécie de vocação para receber o empreendimento. Além disso, é preciso pontuar que a parceria com a Hydro Rein e o fato de estarmos, enquanto empresa, em um momento mais maduro e com uma equipe maior e mais coesa, completaram um ciclo que se mostrou virtuoso do início ao fim, com práticas sustentáveis, transparentes e socialmente responsáveis.

Mas o que seriam esses padrões internacionais ESG? É preciso generalizar um pouco antes de compreender as diferenças e particularidades de tais critérios em países diversos. Esses padrões têm sido usados por investidores, empresas e governos para avaliar e promover práticas sustentáveis e responsáveis nos negócios e nas operações, tanto na teoria quanto na prática operacional e contábil; são critérios que também dialogam com os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) no Brasil propostos pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Regulamentação de práticas sustentáveis

Embora haja certo consenso mundial a respeito da importância de adotar padrões ESG, a regulamentação deles é bastante variável não só entre países, mas também entre os diferentes setores da economia. Alguns fatos deram e têm dado maior visibilidade a práticas responsáveis por parte de empresas: alguns eventos ambientais decorrentes da mudança climática; e a pandemia da covid-19, que demonstram a importância da saúde e do bem-estar de colaboradores das diversas organizações.

Existe um movimento e um esforço de unificar esses critérios, mas ainda não há padrões ESG consolidados

em escala mundial nem uma regulamentação única e que dialogue com todas as corporações de modo igualitário. Por isso, adotamos alguns critérios internacionais para a realização do **Complexo Solar Boa Sorte** e nos baseamos sobretudo nos padrões equivalentes aos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que tem uma atuação forte em projetos de desenvolvimento situados na América Latina e no Caribe; e aos da nossa parceira no projeto, a Hydro Rein, empresa norueguesa que, assim como seu país de origem, é referência global em economia verde e mensuração de ESG.



Aluna do curso de capacitação SPME



Vista aérea do Complexo Solar Boa Sorte

Padrões ambientais

A idealização e implantação do **Complexo Solar Boa Sorte** representa uma bem-sucedida mudança de paradigma em nossa história. Conseguimos nos antecipar na execução de estudos ambientais e no estabelecimento de critérios que ajudam a explicar o sucesso de nosso empreendimento. Por isso, dizemos que é o projeto realizado pela *Atlas*, até aqui, com menos impacto efetivo total.

A Fazenda Olhos d'Água foi o primeiro ponto de análise, e nossa pergunta norteadora foi: o quanto o espaço já apresenta condições de receber um conjunto de usinas solares? Para responder a essa questão, é preciso levar em conta a fauna e a flora locais e o funcionamento do espaço em termos de intervenção. A área já funcionava como local de pasto, o que em si já sinaliza o preparo e a resiliência da área para mais uma intervenção, desta vez de energia solar. Já a vegetação que identificamos na área, de Mata Atlântica, foi mantida, o que tornou o processo de licenciamento mais simples e a garantiu a conservação, isto é, uma intervenção mínima do habitat. Em relação à flora, fizemos estudos meticulosos a respeito das aves que faziam parte da biodiversidade local e identificamos a possibilidade de colisão desses pássaros com a futura linha de transmissão das usinas. O resultado foi implementar, em nosso projeto, placas de sinalização para evitar possíveis

choques das aves com o equipamento do complexo solar e, desse modo, não colocar em risco a fauna local.

Outro estudo que fizemos e que foi fundamental tanto para a construção das usinas do **Complexo Solar Boa Sorte** quanto para os nossos projetos futuros refere-se à avaliação de risco por mudanças climáticas. Se pudéssemos resumir tal avaliação em um questionamento, seria algo como: tendo em vista que a mudança climática já é uma realidade, o quão resiliente ou preparado é o empreendimento diante de tal mudança? É possível responder a esta pergunta identificando possíveis fatores de risco, a partir de variáveis como inundações, calor extremo e incêndios — exemplos de eventos que, diante do contexto de nosso projeto e do aumento da temperatura do planeta, estão passíveis de acontecer. O fato de o **Complexo Solar Boa Sorte** ser um empreendimento renovável, isto é, comprometido em reduzir a emissão de gás carbônico na atmosfera, já o torna um tanto resiliente. Mas fomos além e identificamos as melhores matérias-primas que garantissem a estabilidade do projeto (escolher e garantir o uso de materiais menos inflamáveis é um exemplo de nossas ações preventivas), de modo que nossa lógica foi sobretudo trabalhar com a antecipação de possíveis fatos climáticos adversos e, a partir daí, fazer escolhas inteligentes e ecologicamente compatíveis com os possíveis riscos.

Padrões sociais

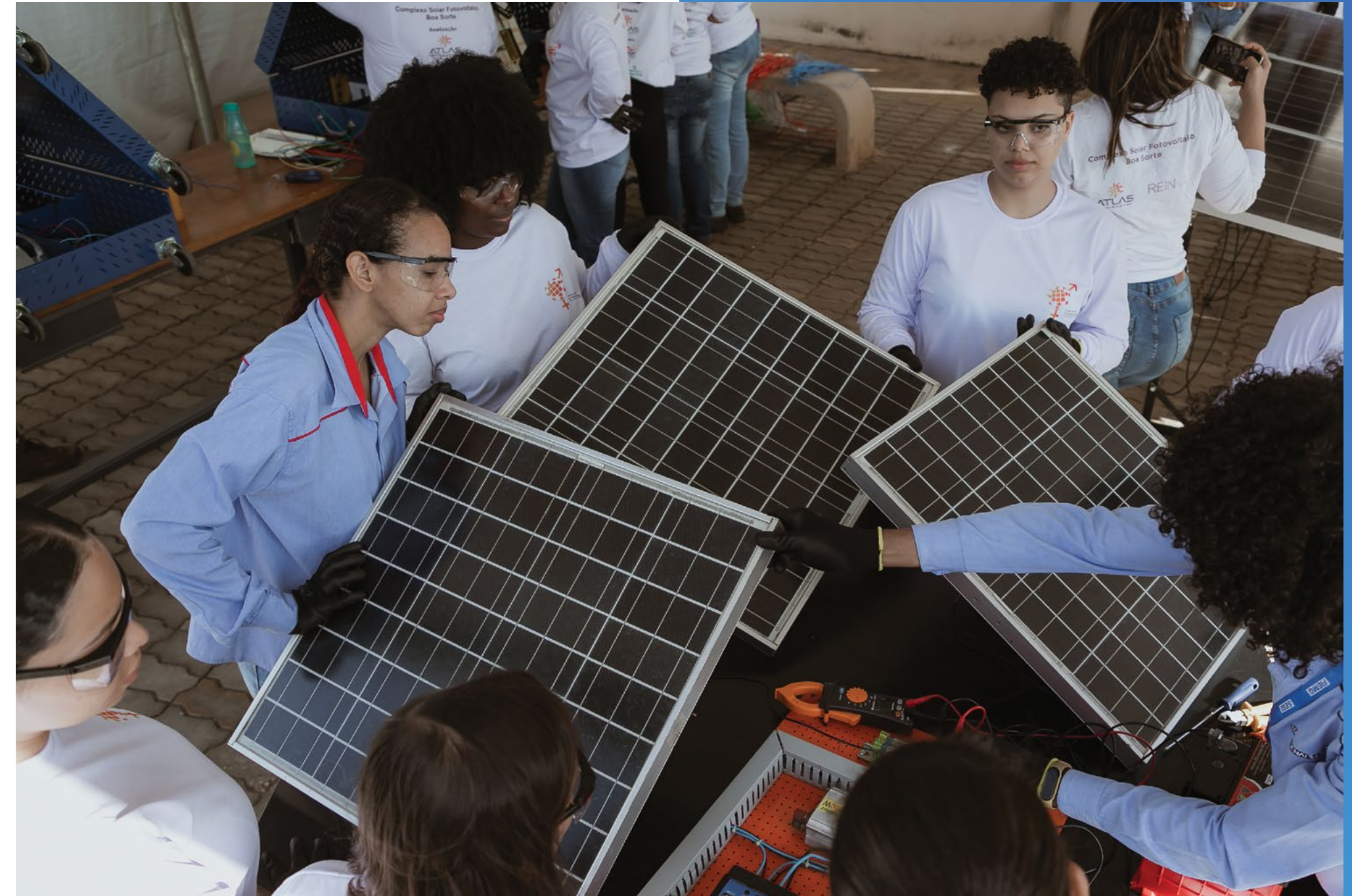
Desde o surgimento da *Atlas*, somos uma empresa socialmente responsável e amparada em uma série de medidas que incluem promover trabalho decente e crescimento econômico (ODS 8); e promover a igualdade de gênero e empoderar mulheres (ODS 5). Com o **Complexo Solar Boa Sorte** não seria diferente. Mas compreendemos que seria preciso buscar padrões internacionais ainda mais elevados e até então inéditos em nosso horizonte de planejamento.

Fizemos um estudo chamado “análise de direitos humanos”, que foi particularmente desafiador porque não há, até o momento, parâmetros na legislação brasileira que possam dar conta de suas especificidades. Essa análise leva em conta uma série de questões que podem interferir na vida e na saúde da população do entorno. Por exemplo: o quanto de poeira uma obra deste porte formaria? Essa poeira teria impacto na vida e na saúde das pessoas que moram e trabalham no local? E as condições de moradia, transporte, segurança e emprego? São questionamentos que fizemos e analisamos de maneira muito cuidadosa para formar um panorama fiel dessa análise e que tivesse altos padrões sociais.

Em relação às condições de trabalho oferecidas, nos deparamos com uma dificuldade de encontrar mulheres para fazer parte do nosso time de colaboradores. Capacitar mulheres faz parte do nosso DNA desde a fundação da empresa, por isso o programa SOMOS PARTE DA MESMA ENERGIA também foi implementado em Paracatu. Ele está alinhado a quatro Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

das Nações Unidas: igualdade de gênero, trabalho decente e crescimento econômico, redução das desigualdades e consumo e produção responsáveis. O programa, em si, já tem o carimbo do jeito *Atlas* de trabalhar: em todos os setores da empresa e nos projetos que criamos, da concepção à execução, nosso compromisso em promover a igualdade e proporcionar espaços profissionais para as mulheres segue a todo vapor. No **Complexo Solar Boa Sorte**, tivemos o prazer de resgatar as raízes da ideia inicial do programa, que prevê a capacitação de mulheres que já trabalham conosco para exercerem outras funções ou funções mais específicas e com a presença majoritária de homens. É um orgulho não só incluir e garantir espaço, mas também transformar vidas investindo na formação de mulheres. E é um orgulho ainda maior firmar parcerias poderosas como essa com funcionárias que já estavam trabalhando nas obras do **Complexo Solar Boa Sorte**.

Nosso programa de atração, capacitação e contratação de mulheres para trabalhar em nossas obras impactou mais de 200 moradoras da cidade de Paracatu. Todas as participantes entraram em contato com as oportunidades que um projeto dessa magnitude oferece a elas, tanto em questões da construção das usinas quanto a aspectos técnicos em que elas poderiam atuar. Ao final do curso, todas receberam ofertas de trabalho para postos no campo de obras. É muito gratificante estar presente durante todo esse ciclo, que tem início no recrutamento, passa pela capacitação e se encerra com a contratação dessas mulheres.



Grupo de mulheres no programa Somos Parte da Mesma Energia

8. O jeito Atlas de transformar realidades



Visita ao Jambreiro

Existe um sentimento que norteia todas as nossas ações, seja durante a pesquisa de um novo lugar para um projeto, na contratação de trabalhadores e trabalhadoras para nossas obras e até mesmo após o **Complexo Solar Boa Sorte** entrar em operação: legado. Para nós, nada do que fazemos teria sentido se não deixássemos uma marca positiva nos lugares e nas pessoas que impactamos com nossos projetos. E isso vai além de realizar ações sociais durante o desenvolvimento de uma nova obra; nós sempre buscamos algo perene, que efetivamente transforme a vida dessas e das próximas gerações.



Jovem participante do projeto ED-MUNDO

Nossa forma de criar legado passa por estabelecer um relacionamento transparente com a comunidade local, conquistando a confiança dessas pessoas através de muita troca e escuta ativa. Em Paracatu, não foi diferente. Sabíamos de antemão que estávamos chegando em uma cidade com uma história secular, com moradores e moradoras cientes do papel de Paracatu no desenvolvimento de Minas Gerais. Esse foi o cenário que encontramos, pessoas abertas e dispostas a nos ensinar tudo sobre suas histórias e as da cidade. Entre as nossas propostas e as demandas locais, desenvolvemos uma série de iniciativas que, além de ser fruto de muito orgulho, seguirão impactando positivamente a população por muito tempo.

Foi desse movimento de inserção da comunidade no processo de escolha e decisão que nasceram grandes iniciativas de inclusão feminina, rodas de conversa e conscientização sobre assuntos importantes para o nosso presente e para o futuro. Discutir temas como machismo, transfobia e assédio no ambiente de trabalho tem feito parte de nossos projetos. Além de campanhas de conscientização

sobre temas relacionados a questões ambientais e de saúde; e da capacitação e formação de jovens e adultos em diferentes temas.

Através de oficinas e rodas de conversa voltadas para mulheres estudantes de escolas públicas, o MAIS MENINAS NA CIÊNCIA levantou uma série de reflexões a respeito dos sonhos dessas jovens em todos os aspectos de suas vidas. As participantes puderam ouvir algumas histórias de trabalhadoras da *Atlas*. Uma discussão sobre temas como rotina de trabalho, desafios no mercado de trabalho e a potência de uma mulher quando ela se torna independente em termos profissionais e financeiros. O CURSO DE CAPACITAÇÃO aconteceu no assentamento Jambreiro, e teve como norte a busca por uma maneira de as participantes alcançarem sua independência financeira. Em um curto espaço de tempo, dezenas de mulheres foram capacitadas com aulas de corte e costura, criando e vestindo suas próprias peças ao final. Este curso foi totalmente concebido pelas participantes; elas trouxeram a demanda, e nós viabilizamos as aulas.

Outra maneira que a *Atlas* tem de transformar de verdade uma comunidade é sempre tendo RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL ao traçar estratégias, obras e ações sociais. Em Paracatu, materializamos esse valor no assentamento rural Jambreiro, uma área que entendemos estar sob influência do impacto causado pela construção do **Complexo Solar Boa Sorte**. Oferecemos algumas oficinas para professores e professoras de como abordar temas relacionados a educação ambiental e saúde dentro do contexto escolar. De forma prática e teórica, abordamos assuntos como compostagem, construção de hortas, plantio de árvores, importância do Cerrado para o ciclo das chuvas, além de campanhas sobre higiene bucal infantil e identificação de diabetes em jovens, entre outras.

Ao capacitar o corpo docente, garantimos que estudantes de diferentes idades entrem em contato com temas tão delicados e urgentes, fazendo com que nossa mensagem seja ecoada por muito tempo. Acreditamos que impactar jovens com valores tão cruciais é o que nos permite sonhar com um futuro mais próspero e responsável.

O projeto ED-MUNDO nasceu em 2022 com essa mesma intenção: a de formar e preparar jovens para o futuro. Ele teve início em Juazeiro (BA) e depois, em 2024, foi implantado em Paracatu. O objetivo do projeto é capacitar 60 jovens, entre 12 e 17 anos, em temas como programação, robótica em inglês e empreendedorismo. A ideia é fazer com que eles e elas possam estudar esses assuntos o quanto antes, para que cheguem ao ensino superior com algumas habilidades já desenvolvidas. Além das aulas, o programa ainda auxilia no acesso a empresas locais e regionais, para que eles possam iniciar sua carreira em lugares próximos de onde já vivem.



Jovem participante do projeto ED-MUNDO



Participantes da Oficina Ecoar - Cinema com Pertencimento

Uma das primeiras ideias que tivemos foi a de documentar nossas iniciativas e a construção de Boa Sorte na cidade. Esse tipo de registro audiovisual nos permitiria ver e rever nosso trabalho em Paracatu. Porém, depois de alguma reflexão, resolvemos mudar um pouco essa perspectiva. E se pudéssemos capacitar algumas pessoas da comunidade para que elas contassem suas próprias histórias? A força de um filme está no olhar de quem o realiza, e essa proposta nos agradou muito mais. Assim, teve início a OFICINA ECOAR – CINEMA COM PERTENCIMENTO. Seleccionamos quatro jovens negros, cada um representando uma grande instituição cultural da cidade, para que eles pudessem produzir seus próprios documentários. Foram alguns dias de oficinas práticas e teóricas, em que essas lideranças entraram em contato com os diferentes aspectos

envolvidos na criação de uma narrativa documental. A conclusão do projeto, em meados de 2024, lançou luz a quatro documentários potentes, realizados pelas pessoas capacitadas durante as oficinas, com a ajuda de outros membros de suas comunidades. O audiovisual eterniza histórias, e esses filmes agora fazem parte do bastião cultural da cidade de Paracatu.

Capacitar pessoas. Incluir mulheres. Formar lideranças. Influenciar professores. Registrar histórias. Esses são os resultados que alcançamos quando abrimos a escuta para as demandas reais da comunidade. É assim que acreditamos fazer a diferença, minimizando impactos negativos e potencializando os positivos, deixando um legado para essas e as próximas gerações.



Participante da Oficina Ecoar gravando a Caretagem



Caretagem do família dos Amaros - Manifestação Cultural



Caretagem da Família dos Amaros



Caretagem da Família dos Amaros

9. A jornada energética de Boa Sorte



Subestação

Além de todo o legado deixado pela *Atlas* em Paracatu e dos aprendizados que tivemos durante o desenvolvimento do **Complexo Solar Boa Sorte**, algumas agradáveis surpresas ainda apareceram neste percurso; algo pouco comum em projetos desse porte. Vale repetir o que já dissemos neste livro, talvez o nome do nosso complexo tenha sido um bom presságio desde sempre — e esperamos que a Sorte continue daqui para frente, para o futuro do país.

As equipes da *Atlas* e da Hydro foram encontrando a melhor forma de trabalharem juntas e a integração aconteceu naturalmente. Uma relação de confiança construída ao longo dos anos, transferindo ao projeto mais foco e objetividade, elevando o patamar de execução e excelência das equipes envolvidas. E mesmo com os percalços inerentes a projetos desse porte, agravados pela pandemia, os times da *Atlas* e da Hydro conseguiram realizar um grande feito: o complexo solar de Boa Sorte foi entregue com 2 meses de antecedência em relação ao que havia sido estipulado inicialmente. Uma antecipação que só foi possível graças ao empenho das equipes, que trabalharam de maneira colaborativa em busca dos mesmos objetivos

Antes do **Complexo Solar Boa Sorte** iniciar sua operação, era preciso energizá-la; uma etapa delicada e crucial em todo empreendimento solar. O processo de energização começa com a encomenda do transformador, um

equipamento enorme e que leva tempo para ser produzido. Como são poucos os fabricantes dessa peça no Brasil, as empresas interessadas precisam realizar seus pedidos com antecedência e esperar que o prazo de entrega seja cumprido. Vencida essa etapa, veio o desafio logístico: fazer o transformador chegar em Paracatu, de caminhão, atravessando as estradas do país. Mais uma vez, tudo correu dentro do esperado. Com o transformador na cidade, teve início a mobilização dos times para que pudessem começar a realizar toda a ligação necessária. Uma etapa crítica, que envolve estudos preliminares, técnicos especializados e um plano de contingência robusto. Em times acostumados a esses processos, momentos de tensão ficam mais leves. A energização aconteceu sem grandes obstáculos e, finalmente, o **Complexo Solar Boa Sorte** estava conectada ao SIN e pronta para começar a gerar energia.



Colaboradores da operação



Complexo Solar Boa Sorte e a Subestação

Quando isso aconteceu, entramos para a história do setor. Boa Sorte foi responsável por levar o Brasil ao patamar de 200 GW de energia solar gerada, um número que representa aproximadamente 15% de toda a matriz energética do país. Um marco importante e um privilégio para a *Atlas* ser parte fundamental desta conquista. Afinal, é mais um grande legado que deixamos para o Brasil e para o mundo. A transição para fontes de energias limpas acontece aos poucos, a cada novo empreendimento que é concluído. A *Atlas* seguirá empenhada em contribuir cada vez mais com a história de sucesso da transição energética brasileira.

O **Complexo Solar Boa Sorte** tem mais uma peculiaridade, essa não relacionada à sua capacidade de produção: é consenso de todos e todas que esse é o parque mais bonito que a *Atlas* já construiu. Além da preservação do trecho de Mata Atlântica existente no local, os painéis foram posicionados em volta de uma lagoa. Quem visitar ou até mesmo sobrevoar as instalações vai se deparar com um belo complexo solar, cheio de vida animal e vegetal no entorno.

Tudo isso só foi possível graças ao empenho de várias pessoas que executaram suas tarefas no melhor de suas habilidades. Uma sinergia e alinhamento entre as sócias, o cliente principal, os times das subcontratadas e as equipes de saúde e segurança, meio ambiente, construção, qualidade, engenharia, compras, financeiro, entre tantas outras. Quem não estava totalmente preparado para os

desafios, foi humilde o bastante para pedir ajuda. E quem estava apto, foi humilde o bastante para ensinar. Foi dessa troca que os processos foram acontecendo, com seus atritos naturais, mas com muita vontade de resolvê-los e seguir em frente. Cada pessoa envolvida, direta ou indiretamente, é responsável pelo sucesso desse empreendimento. Elos fortes de uma grande corrente, garantindo que tudo o que foi planejado pudesse ser entregue com excelência e qualidade. E quando as usinas enfim foram energizadas, é como se um filme passasse na cabeça dos envolvidos. Um filme que começa com planilhas, evolui para contratos sendo assinados, acesso a linhas de crédito, pessoas contratadas, estacas sendo cravadas, milhares de trabalhadores deslocados diariamente, e termina com o complexo solar em sua forma final, funcionando e levando energia renovável para o Brasil.

Quando iniciamos o desenvolvimento de um novo projeto, não estamos em busca de grandes marcos. O foco está em atender aos prazos, trabalhar pela diminuição do impacto causado por nossas obras, atender e oferecer atividades sociais para a comunidade, gerar impacto positivo nas cidades e colher os resultados vindos da geração de energia renovável. Claro, se, além de tudo isso, o projeto nos colocar em lugar de destaque na história, tanto melhor. E foi assim que a *Atlas* encerrou mais um empreendimento; deixando um legado sólido em Paracatu e contribuindo com a transição energética no Brasil.



Vista aérea Complexo Solar Boa Sorte

[FICHA TÉCNICA]

Escrito por Marina Moura e Michel Geraissate

Diagramação
Augusto Kuba

Fotos
Helton Nóbrega
Augusto Kuba
Vinicius Dal Colletto

Capa
Ana Gabriela Ribeiro (ANART)

Produzido por JANZ.media

Boa Sorte
Um lugar ao sol de Paracatu

